

## Carreira e Artesanato: A Trajetória Profissional de Uma Família de Artesãos<sup>1</sup>

Rebeca da Rocha Grangeiro e Jeová Torres Silva Júnior

### Resumo

O presente trabalho investiga um grupo familiar de artesãos da palha, a fim de compreender como duas gerações de artesãos vivenciam a carreira profissional. Assim, propusemos como objetivo da pesquisa analisar diferenças e semelhanças na trajetória profissional de duas gerações de artesãos. Modelos modernos e contemporâneos de carreira foram utilizados para compreensão dos resultados de pesquisa, sobretudo os modelos de carreira criativa e *craft career*. Esta pesquisa justifica-se por pretender ampliar a compreensão sobre carreira a partir da análise de uma categoria profissional com características diferentes das comumente analisadas, além de aumentar o quantitativo de estudos científicos sobre carreira com foco na trajetória profissional de artesãos. Realizamos pesquisa de natureza qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com artesãos pertencentes a um grupo familiar que cria objetos decorativos e utilitários a partir da palha. Os depoimentos dos artesãos indicaram diferenças na maneira como eles foram iniciados no ofício; como encaram as mudanças ocorridas no modo de produção artesanal ao longo de décadas de dedicação ao ofício; e também diferenças relativas à centralidade do artesanato na trajetória profissional até então trilhadas por cada indivíduo.

### Palavras-chave

Trajetórias Profissionais. Modelos de Carreira. Artesanato em Palha. Associação Mãe das Dores do Padre Cícero.

### Abstract

This study investigates a family group of artisans to understand how two generations of craftsmen experience their professional careers. Thus, we proposed as research objective to analyze differences and similarities in the professional trajectory of two generations of artisans. Modern and contemporary career models were used to understand research results, especially the creative career and craft career models. This research is

justified, because it aims to broaden the understanding on career based on the analysis of a professional category with characteristics different from those commonly analyzed, besides it quantitatively increases scientific studies on career focused on artisans' professional trajectory. We conducted qualitative research through semi-structured interviews with artisans belonging to a family group that creates straw decorative and utilitarian objects. The craftsmen's testimonials indicated differences in the way they were initiated in the craft; how they view the changes that have taken place in the artisanal mode of production over decades of dedication to the craft; and also differences related to the centrality of the craftsmanship in the professional trajectory experienced by each individual.

**Keywords** Professional Trajectories. Career Models. Straw Crafts. *Mãe das Dores do Padre Cícero* Association.

## INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 2000, no Brasil, o artesanato tem sido usado como uma estratégia de fomento ao desenvolvimento humano, social e econômico, através de políticas públicas e programas governamentais, sobretudo em regiões e municípios onde o trabalho artesanal é creditado com evidente potencial de geração de renda, acentuado refinamento do produto por métodos e técnicas de *design*, intensa tradição histórico-cultural e relevante vocação gregária (CARVALHO, 2003; MELLO, 2015; SANTOS *et al.*, 2016; SAPIEZINSKAS, 2012).

Em uma perspectiva conjuntural de impulso recente à atividade artesanal, verificam-se transformações que tornaram o ambiente dos negócios mais dinâmico e competitivo, com constituição de espaços multiculturais de trabalho. Assim, os modelos tradicionais de carreira, marcados por sua institucionalização, pela estabilidade no emprego e pela progressão linear em postos hierárquicos, são substituídos por modelos que se adequem às transformações no mundo do trabalho (fim de postos de trabalho, terceirizações, empregos parciais, *home-office*, dentre outras). Um ponto relevante da carreira atual é o fato de que ela deixa de ser administrada pela organização e passa a ser gerida pelo próprio sujeito, assumindo assim aspectos mais flexíveis e instáveis (CHANLAT, 1995).

Quando voltamos a atenção à carreira de artesãos, revela-se algo a ser tratado com singularidade, identificamos que ela se afasta dos modelos tradicionais – apesar de ser uma das carreiras mais clássicas e ancestrais da humanidade – e se aproxima dos modelos modernos de carreira, uma vez que a atividade artesanal envolve um conjunto variado de habilidades (técnicas e gerenciais) e, nela, prevalecem as preferências dos artesãos, decidindo que caminhos vão trilhar. Desta forma, o gerenciamento da própria carreira e a flexibilidade

exigida para se adaptar às oscilações econômicas e de mercado aproximam a trajetória de carreira trilhada pelos artesãos aos modelos modernos de carreira.

Diante do que foi exposto sobre carreira, analisamos um grupo familiar de artesãos da tipologia palha pertencentes à Associação Mãe das Dores do Padre Cícero, localizada na cidade de Juazeiro do Norte/CE, a fim de compreender: Como duas gerações de uma mesma família de artesãos vivenciam e interpretam suas experiências e histórias de vida relacionadas ao trabalho e à carreira profissional?

Inicialmente, convém destacar que este artigo não trabalha com as noções de geração fundamentadas na sociologia (MANHRIN, 1993) que comumente norteiam os estudos sobre geração em administração. Tais pesquisas diferenciam grupos de pessoas em função da data de nascimento, observando eventos marcantes que gerem rupturas históricas que favorecem experiências e modo de pensar comum (PARRY; URWIN, 2011). No entanto, neste estudo, quando afirmamos que pretendemos analisar a trajetória profissional de duas gerações, buscamos estabelecer semelhanças e diferenças no caminho percorrido por uma artesã já madura em sua profissão e seus filhos, os quais também estão inseridos na atividade artesanal.

Com a finalidade de responder este problema de pesquisa, propomos os seguintes objetivos: i) examinar diferenças e semelhanças na forma como iniciaram a carreira; ii) examinar como percebem as mudanças na forma de produção do artesanato, ao longo do tempo; iii) analisar a centralidade do artesanato na trajetória de carreira dos indivíduos das duas gerações da família.

Os estudos sobre a gestão de carreira vêm sendo aprofundados na literatura científica contemporânea, todavia, sob uma perspectiva direcionada para a carreira profissional dentro de organizações (DUTRA, 2002), sendo mais escassos os estudos sobre carreira profissional dos artesãos (DUARTE *et al.*, 2010). Desta forma, esta pesquisa justifica-se por pretender ampliar a compreensão sobre carreira a partir da análise de uma categoria profissional com características diferentes das comumente analisadas, além de aumentar o quantitativo de estudos científicos sobre carreira com foco na trajetória profissional de artesãos.

## **MODELOS DE CARREIRA MODERNOS E EMERGENTES**

Carreira é um tema de estudo que possui uma gama de significados e diversas abordagens conceituais. Quanto às possibilidades de significado, identificamos que o termo carreira pode se referir à mobilidade ocupacional (DUTRA *et al.*, 2009), ou ainda, conforme Bendassolli (2009), pode estar relacionada ao emprego assalariado, à atividade não remunerada, à posição em uma organização, ou mesmo à trajetória de indivíduo autônomo.

Quanto às abordagens conceituais de carreira, Chanlat (1995) aponta que o tema vivenciou dois momentos, o primeiro vigorou até 1970 e foi marcado pelo progresso e enriquecimento

da época. A estabilidade no emprego e a ascensão vertical em uma única empresa são marcas deste modelo. As carreiras, pertencentes a esta primeira realidade, remetem ao modelo tradicional de carreira (CHANLAT, 1995).

Já em Bendassolli e Borges-Andrade (2011), o segundo ciclo do conceito de carreira foi sinalizado como um confronto à visão tradicional anterior. A carreira moderna pode ser definida como instável e menos linear que a visão tradicional de carreira. A fim de abordar especificidades da carreira em função do contexto social e cultural nos quais ela se apresenta, Chanlat (1995) apresenta quatro tipos de carreiras pertencentes aos modelos tradicional e moderno, são eles: carreira burocrática, profissional, empreendedora e sociopolítica.

Outrossim, Bendassolli (2009) apresenta alguns modelos emergentes de carreiras. Estes são modelos que surgiram nas últimas quatro décadas e que buscam se adequar às transformações recentes no mundo do trabalho. São eles: carreira sem fronteiras; carreira proteana; carreira de ofício (*craft career*); carreira portfólio; carreira multidirecional; carreira transacional; carreira narrativa; e carreira construcionista. Ainda na literatura científica sobre carreira, encontramos o termo carreira criativa cunhado e definido por Florida (2002).

Não é escopo deste artigo explorar em detalhes todos os modelos abordados acima, mas apenas aqueles que se aproximam da carreira vivenciada pelos artesãos: uma carreira de profissionais autônomos, desvinculados de organizações formais e com a flexibilidade de exercer outra atividade produtiva em paralelo. Dito isto, os modelos escolhidos para compor este referencial teórico são os tipos empreendedor e sociopolítico (CHANLAT, 1995), os modelos de carreira de ofício e carreira portfólio apresentados como modelos emergentes por Bendassolli (2009) e o modelo de carreira criativa inaugurado por Florida (2002).

Ressaltamos que nenhum destes modelos foi elaborado para dar conta da trajetória profissional trilhada por artesãos. Ao contrário, alguns até buscam se adaptar à carreira que pessoas constroem passando por organizações ou construindo as suas próprias. Porém, existem características destes modelos de carreira que se adequam às carreiras vivenciadas por artesãos. Estas características serão destacadas a seguir.

A carreira empreendedora reflete a sociedade capitalista liberal que valoriza o sucesso individual, resultado do talento e esforço do empreendedor. Não se pode esquecer a crítica aos modelos neoliberais que apontam que mesmo os indivíduos com forte característica *agentic* possuem suas ações limitadas por forças institucionais como classe social, gênero, nível educacional e políticas governamentais (INKSON *et al.*, 2012). Este tipo de carreira se sobressai em períodos de crise do emprego, de alta competitividade entre organizações e de dificuldades do estado. Segundo Chanlat (1995), atualmente, este tipo de carreira amplia-se e abrange profissionais como: artistas, artesãos, fundadores de empresas culturais, comerciantes, patrões de pequenas e médias empresas. A autonomia para exercer as atividades, criatividade, inovação e gosto pelo risco são características associadas ao tipo empreendedor e são características que também podem ser encontradas entre alguns artesãos.

No tipo sociopolítico de carreira, o impacto da rede de relações que o indivíduo consegue construir sobrepõe-se às outras habilidades de indivíduo (criatividade, talento, capacidade

de inovar, conhecimentos). Segundo este tipo, a carreira constrói-se e desenvolve-se graças às habilidades sociais e ao poder de relações de que a pessoa dispõe. Os vínculos de relacionamento que as pessoas estabelecem sobrepõem-se aos conhecimentos, habilidades e tempo de serviço que ela possui quando se trata de desenvolvimento da carreira. Conforme Lawrence (2011), todas as carreiras estão inseridas dentro de um contexto social, logo, devem ser analisados seus impactos no desenvolvimento da carreira dos artesãos.

Já o modelo *craft career* toma o artesão como tipo ideal para exemplificá-la. Não se trata de uma análise da carreira de artesãos no período contemporâneo, mas de resgatar características historicamente associadas ao ofício artesanal para compor um modelo teórico que se adequa à realidade de carreiras de um grupo de profissionais. As características historicamente atreladas ao trabalho artesanal são: autonomia em conceber a própria obra e organizar o tempo de trabalho; necessidade constante do uso da criatividade; o resultado produzido estar marcado pela subjetividade do indivíduo que trabalha; e envolvimento afetivo com a atividade (gostar do que faz). Segundo este modelo, o indivíduo constrói seu trabalho à sua maneira (WRZESNIEWSKI; DUTTON, 2001).

Concluindo os modelos abordados por Bendassolli (2009) como modelos emergentes de carreira, temos o modelo de carreira portfólio, no qual se considera que o indivíduo seja bastante flexível, uma vez que ele exerce diversificadas atividades profissionais, possuindo diferentes frentes de trabalho, o qual pode ser realizado em momentos distintos, ou mesmo em tempos parciais (BENDASSOLLI, 2009).

Finalmente, Florida (2002) introduz um modelo denominado carreira criativa. A princípio, o termo classe criativa dizia respeito a todas as profissões que exigem criatividade nas tarefas desenvolvidas (DUARTE; SILVA, 2013). O “ethos criativo” ou a capacidade de criação agrupava indivíduos de profissões diversas: engenheiros, escritores, empreendedores, músicos. Para se referir apenas a trabalhadores da indústria criativa, John Howkins, em entrevista para Ghelfi (2005), inaugurou o termo empreendedor criativo. A necessidade simultânea de habilidades gerenciais e capacidade criativa são, portanto, características singulares do modelo de carreira criativa.

Os modelos *craft career* e carreira criativa exigem que os profissionais se responsabilizem pela organização dos seus trabalhos e que estejam reiteradamente criando e inovando. Assim, observa-se o alinhamento destes modelos com a perspectiva psicológica mais recente de compreensão da carreira, na qual há uma preocupação com as capacidades do indivíduos de autonomia, autoinvenção e autodireção (KHAPOVA; ARTHUR, 2011).

Os modelos de carreira expostos auxiliam a compreender possíveis trajetórias de carreira vivenciadas por trabalhadores artesãos. Tais modelos estão, em certa medida, alinhados com a definição de artesanato adotada neste estudo e apresentada na seção seguinte. Além do esforço de conceituar artesanato, buscamos retratar o contexto examinado de uma dimensão mais ampla para uma mais restrita. Desta forma, partimos de uma breve contextualização da prática artesanal em palha de milho em Juazeiro do Norte para caracterização específica da Associação Mãe das Dores, lugar que compõe o campo de investigação deste estudo.

## **ARTESANATO: UM ESFORÇO DE CONCEITUAÇÃO**

Alguns estudiosos apontam o artesanato como paradigma de trabalho de qualidade, como um modelo de organização social do trabalho, pois ele envolve o fim da clivagem cabeça-corpo, além da lentidão e rotinização que asseguram um trabalho reflexivo e imaginativo (SENNETT, 2009). Considerar o artesanato como modelo profissional a ser seguido por outras ocupações e criticar a separação entre trabalho intelectual e trabalho técnico são traços marcantes de Sennet (2009) e Mills (2009).

Sennett (2009), a partir de uma proposta de cunho mais filosófico, revisita os prejuízos causados pela clivagem histórica entre teoria e prática, artista e artesão, trabalho intelectual e trabalho técnico, e destaca a necessidade de revalorização do trabalho artesanal, uma vez que ele absorve, ao mesmo tempo, os aspectos intelectual e técnico do trabalho. De modo semelhante, porém sob viés da sociologia, Mills (2009) refere-se ao artesanato como modelo plenamente idealizado de satisfação do trabalho, pois nele não prosperam as rupturas entre vida e trabalho, entre cabeça e mão e/ou entre trabalho intelectual e trabalho técnico.

Adicionalmente, Mills (2009) elabora um modelo idealizado de artesanato que compreende seis características fundamentais, são elas: 1) a satisfação e o prazer do indivíduo durante o processo criador; 2) a importância dada aos detalhes, pois deles dependem um bom resultado ou produto do trabalho; 3) liberdade em relação ao controle da própria ação de trabalho; 4) no tocante à aprendizagem, a liberdade para se autodesenvolver e para aperfeiçoar sua atividade a partir do conhecimento e habilidade adquiridos; 5) não dissociação entre trabalho e lazer ou entre trabalho e cultura; e, por fim, no modelo ideal de artesanato, 6) o trabalho está completamente ligado ao modo de vida do artesão, não havendo ruptura clara entre trabalho e não trabalho.

As características fundamentais do ofício artesanal, acima abordadas, são como uma marca, ou “um selo” que identifica e singulariza a carreira vivenciada por artesãos. Desta forma, empregaremos a definição de artesanato elaborada por Mills (2009), pois, apesar de ser uma definição que almeja se utilizar das características do artesanato como modelo a ser seguido pelos cientistas sociais, destaca características que evidenciam a singularização das carreiras trilhadas por artesãos.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo de natureza descritiva, uma vez que buscamos caracterizar a trajetória profissional de artesãos e pretendemos, nesta caracterização, captar elementos da carreira profissional que aproximam e/ou distanciam as duas gerações da família de artesãos analisadas. Quanto à abordagem metodológica, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, escolhida por se tratar da abordagem mais apropriada ao problema científico e aos objetivos declarados na seção introdutória.

Os sujeitos da pesquisa foram três artesãos, cuja matéria-prima de trabalho é a palha. Os três artesãos são vinculados à Associação Mãe das Dores do Padre Cícero e, no período

em que as entrevistas foram realizadas, eles eram os únicos artesãos atuantes na associação. Existem outros artesãos associados, mas estes apenas deixam objetos na associação para serem comercializados. Ao contrário destes, os artesãos entrevistados produzem na própria associação, ocupam-se da venda em um ponto comercial que funciona em espaço da associação; responsabilizam-se pela compra da matéria-prima e pelo gerenciamento das encomendas recebidas; além de se deslocarem para outros municípios, a fim de participarem de feiras de artesanato.

Estes três artesãos pertencem à mesma família e são mãe e filhos. Na tentativa de preservar os princípios de anonimato e sigilo dos sujeitos da pesquisa (FLICK, 2009), criamos nomes fictícios para os entrevistados: Dona Maria (mãe), Carla (filha mais velha) e Mateus (filho mais novo). Estes são os atores sociais desta pesquisa. Os relatos e histórias abordados por eles serviram como material de pesquisa para compararmos a trajetória profissional de duas gerações (genitor e descendentes) de uma família artesãos.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas semiestruturadas. As vantagens da entrevista estão em não exigir que a outra parte saiba ler e escrever, há também uma flexibilização quanto à possibilidade de esclarecer pontos não entendidos pelo entrevistado, além de nortear o entrevistador ao longo da entrevista. Minayo (2010) acrescenta que a entrevista semiestruturada pode combinar perguntas objetivas com subjetivas e permite que se discorra sobre o tema em questão sem se prender a indagações formuladas.

Foram realizados dois momentos de entrevista com cada artesão, representando um total de seis entrevistas concluídas. Elas ocorreram no mês de janeiro de 2017, na sede da Associação Mãe das Dores do Padre Cícero, no município de Juazeiro do Norte/CE. Os dados coletados foram gravados e os áudios foram, em seguida, transcritos.

Para a análise de dados, utilizamos os trechos transcritos e os organizamos em categorias analíticas, as quais posteriormente associamos a cada um dos objetivos elaborados. A estrutura da entrevista foi moldada em três blocos. O primeiro busca entender como os artesãos iniciam sua trajetória profissional e a influência de familiares neste processo; o segundo, captar possíveis transformações da atividade artesanal em suas três etapas: aquisição da matéria-prima; produção e comercialização; o terceiro, compreender trajetórias profissionais destes artesãos, dificuldades enfrentadas e a importância do artesanato nas esferas pessoais e de trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados expostos nesta seção estão organizados em três etapas: na primeira delas, expomos uma breve contextualização do artesanato em palha de Juazeiro do Norte/CE. Em seguida, apresentamos a Associação Mãe das Dores e do Padre Cícero, a qual constitui o campo do estudo desta pesquisa, e fazemos referência a um evento crítico recentemente ocorrido e que resultou na redução em mais da metade do quantitativo de artesãos associados. Na terceira etapa, discutimos diferenças e semelhanças entre os membros da família quanto

à inserção na carreira, forma como se desenhou a trajetória profissional e percepção sobre as mudanças na atividade artesanal.

## **ARTESANATO EM JUAZEIRO DO NORTE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ARTESANATO EM PALHA**

A história da produção artesanal em Juazeiro do Norte/CE está intimamente atrelada à história do próprio município. Primeiramente, porque, em período pré-colombiano e colonial, a produção artesanal foi a principal forma de ter acesso a objetos e instrumentos que auxiliavam nos trabalhos doméstico e rural. A diferença entre a produção artesanal pré-colombiana e colonial reside nas influências étnicas das técnicas aplicadas ao ofício artesanal. Enquanto no período colombiano, as técnicas pertencem às tribos indígenas que habitavam no local (SANTOS, 2007), no período colonial, os habitantes da região aprendem técnicas oriundas de etnias europeia e africana que passam a conviver entre eles (ALEGRE, 1989).

O desenvolvimento econômico de Juazeiro do Norte e sua posterior emancipação política em 1911 também ocorrem por influência da produção artesanal. A ampliação da produção para além da necessidade dos habitantes aliada ao fluxo migratório religioso é um fator que influencia o desenvolvimento econômico da cidade. Nesta época, a matéria-prima era geralmente encontrada no próprio vilarejo ou proximidades (barro, couro, madeira, metal, palha) e deles eram produzidos objetos como potes, panelas, copos, cuias, peneiras, raladores, foices, enxadas, vestimentas, calçados, redes, cestos, vassouras, esteiras, dentre outros objetos necessários para atender às demandas cotidianas.

Concordamos com Rabelo (1967) quando ele aponta a relação entre devoção religiosa e desenvolvimento econômico da cidade. Aproveitando-se da devoção religiosa de moradores e visitantes da cidade, Padre Cícero estimula a produção artesanal de artigos sacros e de toda uma gama de objetos que pertencem ao entorno do processo de devoção. Exemplo de um destes objetos é o chapéu de palha que, além de ser acessório de vestimenta com função de proteção contra o sol forte e característico da região, passa a ser objeto frequente nos templos religiosos, sendo apertado contra o peito em momentos de oração e até mesmo agitado com fervor nos momentos de exaltação e alegria. Assim, a cultura ressignifica a funcionalidade do objeto artesanal (MELO, 2010).

Atualmente, tornou-se raro o acesso da matéria-prima através da coleta no município ou proximidades. Para a maioria das tipologias artesanais, observa-se que a matéria-prima é adquirida através da compra (GRANGEIRO; BASTOS, 2016). E os objetos produzidos são predominantemente comprados por pessoas de outras cidades (SANTOS, 2007).

Voltando o olhar ao artesanato em trançado em palha, identificamos se tratar de atividade artesanal de origem indígena, inicialmente realizada na palha de carnaúba. No momento presente, em Juazeiro do Norte, ainda se observa a realização de trançado em palha de carnaúba, praticado principalmente por mulheres que habitam no bairro do Horto (ALVES *et al.*, 2013). Porém, especificamente na Associação Mãe das Dores (*locus* desta pesquisa), o trabalho artesanal é realizado com a palha de milho.

Apesar de o artesanato em palha se configurar como uma atividade tradicionalmente feminina, existem alguns homens que se aventuram no ofício, mas ainda são poucos. Também é característica do artesanato em palha o baixo valor monetário dos objetos, sobretudo quando comparado aos objetos artesanais em madeira, couro ou metais. Configurar-se como atividade eminentemente feminina e possuir potencial limitado de geração de rendimentos impactam na forma como artesãs e artesãos constroem suas carreiras no ofício. O baixo retorno econômico obtido a partir da atividade artesanal pode influenciar que estes artesãos busquem outras atividades produtivas a fim de complementar renda.

### **A ASSOCIAÇÃO MÃE DAS DORES DO PADRE CÍCERO**

No dia 20 de julho de 1984, foi fundada a Associação Mãe das Dores do Padre Cícero. A ideia surgiu a partir da iniciativa de duas freiras com missão de evangelizar o povoado em que viviam na colina do Horto e de uma artesã da palha (que é sujeito desta pesquisa). As fundadoras da Associação perceberam que muitas mulheres do bairro trabalhavam com artesanato feito a partir da palha, mas não recebiam orientação no que diz respeito a outras técnicas de trabalho ou quanto à comercialização do que produziam, o que as deixava à mercê de atravessadores.

Ao notar o empenho das religiosas e da artesã em construir um grupo que trabalhasse e se beneficiasse coletivamente do artesanato em palha, o Padre Murilo de Sá Barreto as auxiliou de modo que conseguissem expandir a área de comercialização dos seus produtos (SOUSA, 2010). O próprio padre levava o artesanato produzido pelo grupo para ser vendido em outras cidades e também promoveu a entrada destes objetos em feiras de artesanato no Nordeste.

A Associação foi criada com o propósito de melhorar a qualidade de vida do grupo e de propor aos artesãos da região um trabalho coletivo, fazendo com que se ajudassem mutuamente. Eles atuam coletivamente no acesso à matéria-prima. Seja coletando a palha ou a comprando, os artesãos têm benefícios quando agem conjuntamente. Compartilham equipamentos necessários na confecção de alguns objetos e expõem suas peças na loja que funciona no prédio da Associação. Cada objeto possui etiqueta, a qual apresenta, além do valor do produto, um código que representa um artesão associado. Na Associação, são produzidos objetos artesanais classificados como utilitários e decorativos, a exemplo de bolsas, cestos, caixas, baús, chapéus, revisteiros, luminárias, jogos americanos, flores. Também foi inserida a madeira como matéria-prima, com a qual produzem malas e instrumentos musicais em miniaturas.

No momento atual, a associação conta com 15 artesãos associados, contudo, destes, apenas três são atuantes e estão à frente das atividades administrativas (compra de matéria-prima, contato com clientes, participação em feiras de artesanato). Os artesãos filiados à associação ganham pela produção vendida. Ser associado é uma alternativa viável para ter um aproveitamento financeiro mais seguro do que se comercializa.

A Associação ainda conta com parcerias como a Central Cearense de Artesanato (Ceart), órgão governamental da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS) do

Estado do Ceará, a qual possui duas salas de exposição, ajudando no escoamento da produção. Há mais de 20 anos, o SEBRAE atua junto à associação, oferecendo treinamentos sobre empreendedorismo, curso destinado ao uso de tintura de melhor qualidade e assessoria em design, e ainda fornecendo ajuda de custo e logística para participação em feiras e eventos em outras cidades do país.

O evento crítico ao qual nos referimos diz respeito a um desentendimento entre Dona Maria e o então presidente da associação, o que resultou no rompimento entre os dois e na saída dele da associação. Isto aconteceu dois meses antes da coleta de dados desta pesquisa. Em virtude da saída do presidente, vários outros artesãos se desvincularam, acarretando na redução do número de artesãos filiados, como afirma Dona Maria:

Foi, foi, que o negócio se agravou de uma maneira tal, que o meu próprio sobrinho que era presidente já durante há 4 anos, juntamente com suas irmãs, a mulher, com as amigas, são esse tipo de gente de amizade de grupinhos, simplesmente chegaram numa quarta-feira e levaram toda a palha e muitas outras coisas.

Tal fato gerou dois problemas a serem solucionados: 1) encontrar substituto para o cargo gerencial/administrativo ocupado pelo ex-presidente; 2) cumprir compromisso assumido de encomendas, mesmo com o número reduzido de artesãos. Dona Maria não pôde assumir o cargo, devido sua condição de saúde e idade avançada. Dentre os outros artesãos que permaneceram na associação, muitos não se envolvem em funções administrativas, pois não possuem conhecimento e/ou perfil para a realização destas atividades. Em relação a este tipo de situação, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento [UNCTAD] (2008) aborda que as dificuldades desses profissionais das indústrias criativas estão ligadas ao conflito em gerenciar o trabalho e negociar o produto. Além da falta de habilidade específica no campo do empreendedorismo, estes trabalhadores impõem resistência ao trabalho gerencial, uma vez que a produção artesanal em si já preenche a agenda de trabalho.

Diante da inviabilidade financeira para contratação de um gerente para exercer as atividades administrativas da Associação, a filha de Dona Maria desliga-se da ocupação em que estava atuando e passa a se dedicar exclusivamente ao artesanato, tanto à produção quanto às atividades gerenciais da entidade. Observamos, então, o tecido de relações que o indivíduo estabelece influenciando seu percurso de carreira, como descrito em Chanlat (1995). O estreito laço familiar entre Carla e Dona Maria (fundadora da Associação) foi, provavelmente, um aspecto que a influenciou a assumir cargo gerencial na Associação.

A fim de resolver o segundo problema apresentado, Carla entra em contato com artesãos de cidades vizinhas, como Caririaçu, Assaré, Crato e Jardim, tentando ampliar o quadro de associados devido à insuficiência desses profissionais naquele momento. Para cumprir as demandas de peças artesanais, a administradora também se dedica à transmissão do ofício para outras pessoas do próprio município. Todavia, também se deparou com dificuldades ao tentar recrutar e treinar novos artesãos da palha, pois as pessoas querem receber salário para aprender o ofício, o que é inviável devido à dificuldade financeira que a associação está atravessando. Carla afirmou:

Estou doando o meu tempo para manter a estrutura enquanto não chega novos artesãos, já estamos organizando capacitação para ter no Sítio no caminho do Horto e já teve no caminho do aeroporto, já temos artesão de lá, outros aprenderam na sala da minha casa, levo comigo para ensinar os outros.

A artesã refere-se a uma dedicação extra à atividade artesanal, necessária por influência de um contexto organizacional que se apresentou recentemente de modo inesperado. A ausência de alguém que assumisse as atividades gerenciais necessárias para a continuidade da associação impeliu Carla a ocupar esta função. Desta forma, observamos o ambiente impondo limites à escolha profissional (INKSON *et al.*, 2012).

### **TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NO ARTESANATO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE GERAÇÕES**

O primeiro objetivo propõe-se a examinar diferenças e semelhanças na forma como iniciaram a carreira. Em alguns aspectos, a trajetória de carreira confunde-se com a própria história de vida do artesão e, por isso, abordamos elementos históricos anteriores à relação propriamente dita com o artesanato.

No tocante à Dona Maria, ela nasceu em Pernambuco e, juntamente com sua família, se deslocou para Juazeiro do Norte-CE, há quarenta anos, para morar no bairro do Horto. Assim que chegou, começou a trabalhar como doméstica durante o dia e a estudar à noite. Logo em seguida, trabalhou no comércio por um período de três anos. Em meio às idas e vindas do trabalho para casa, chamou sua atenção a atividade feita nas frentes das casas dos moradores do Horto, no caso, os objetos artesanais construídos a partir da palha da carnaúba.

Quando ficou desempregada e já estava casada, viu no artesanato uma fonte de renda. Como se identificou com arte, foi fazer curso oferecido pela comunidade do Horto. Para participar do curso que acontecia todas as tardes, deixava sua filha – na época com dois meses – sob os cuidados do seu irmão. Dona Maria lembra assim daquele período:

Minha colega vinha todo dia de lá de perto da estátua, ela me ensinava, aí eu ia lá atrás do ginásio, tinha essa aí (Carla) com 2 meses. Chamava meu irmão de 14 anos para ficar olhando ela, para não ficar sozinha em casa, eu vinha 2 horas e voltava 4 horas.

Por influência de sua amiga, direcionou-se a fazer chapéus de palha de carnaúba e compartilhou o saber-fazer da atividade com outros membros da sua família (irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas). Contudo, apenas a entrevistada e uma de suas irmãs levaram adiante o trabalho artesanal.

Este, na verdade, não foi o primeiro contato de Dona Maria com o artesanato. Seu primeiro contato foi ainda na infância, vendo seu pai produzir caçuá (tipo de cesto para transporte de produtos que é colocado na cangalha sobre o dorso de equinos e asininos), balaio e cesto com

cipó do mato, enquanto sua mãe produzia esteira com caule e folha da bananeira. Na época, o que aquela criança via os pais fazendo era apenas mais uma entre tantas atividades. Porém, na condição de adulta (tendo a responsabilidade de criar uma filha,) e fazendo um curso, cuja atividade aprendida lhe daria a possibilidade de obter a renda com a qual sustentar sua família, o artesanato ganha outro significado para a entrevistada, a qual afirmou: “Eu era filha de artesãos e não sabia”.

A resignificação da atividade artesanal passa pela maturidade que Dona Maria adquiriu ao longo do tempo, mas também pelo fato de ter se inserido em uma capacitação que ensina uma profissão e, também, porque o resultado de sua ação, no caso, o objeto artesanal, é um objeto que terá como finalidade não apenas o consumo próprio (como era no caso de seus pais), mas – principalmente – a comercialização para terceiros, o que lhe fornecerá renda para contribuir economicamente para a subsistência de sua família. Dona Maria tornou-se a única provedora da renda da familiar após o abandono do esposo, deixando-a com Carla e Mateus ainda crianças.

Segundo vertente psicológica para análise de carreira, a inserção de Dona Maria na atividade artesanal pode ser explicada a partir da urgência em se cumprir necessidades básicas para sobrevivência (KHAPOVA; ARTHUR, 2011). Este destacado papel de mulher mantenedora da família que a artesã-matriarca teve que assumir, portanto, traz um contributo especial para sua carreira. Para Siliprandi e Cintrão (2011), estas situações de empoderamento brusco na vida das mulheres artesãs é comum e assimilado com tranquilidade no núcleo familiar, com o homem perdendo o monopólio do gerenciamento da renda obtida, com alterações na divisão sexual do trabalho e com uma maior exposição e presença das mulheres na vida associativa comunitária.

A filha mais velha de Dona Maria teve um processo de integração no ofício artesanal diferente do da mãe. O aprendizado deu-se em tão tenra idade que é difícil precisar cronologicamente quando. A primogênita comentou: “Fui nascida e criada na palha”. Por seu turno, para o filho mais novo, há um momento preciso de aprendizagem formal do ofício. Isto se deu quando ele tinha doze anos. Neste período, a mãe optou por levá-lo para a associação todos os dias – onde ocorre a transmissão de saber artesanal – como alternativa para afastá-lo das adversidades “da rua”. Aprender o ofício artesanal não foi uma escolha dos filhos de Dona Maria. Eles não refletiram sobre optar por fazer artesanato, seja por necessidade ou por vocação. Eles foram impelidos a fazê-lo. A filha, por ser do sexo feminino, foi imediatamente inserida na atividade, considerada pelo entorno social como um “trabalho de mulher”. O filho aprendeu o ofício em idade superior à da filha, também por uma imposição materna. O contexto familiar social em que eles estavam inseridos parece ter impacto no desenvolvimento de suas trajetórias profissionais como artesãos, estejam eles cientes ou não desta influência (LAWRENCE, 2011).

Enquanto Dona Maria aprendeu o ofício artesanal em palha apenas na fase adulta, como uma alternativa de trabalho e renda para ajudar na manutenção econômica da família, os filhos estabeleceram este aprendizado ainda na infância. Ressaltando que Carla aprendeu o ofício ainda mais jovem que Mateus. Uma possível explicação para a diferença de idade na

ocasião da aprendizagem da filha em relação ao filho, talvez resida no fato de o artesanato em palha ser tradicionalmente confeccionado por mulheres. Desta forma, a entrada do filho, homem, no ofício deu-se tardiamente (se comparada com a idade em que a filha se iniciou no artesanato) e como opção para fugir do ócio, no período em que este não estava na escola.

O segundo objetivo específico deste estudo procurou examinar como os artesãos percebem as mudanças na forma de produção do artesanato ao longo do tempo. Detectamos diferentes níveis de mudança. Dona Maria apontou que, no início da sua carreira, a forma de produção era precária e a comercialização se dava de modo desorganizado. Os artesãos comercializavam na própria residência, sem orientação alguma sobre formação de preço, enquanto outros passavam suas peças para atravessadores.

A artesã destaca o papel da Igreja Nossa Senhora das Dores no processo de transformação do trabalho artesanal com a palha. Neste processo, a Igreja, além de ceder espaço para sanar problemas de comercialização e estocagem, ajudou na distribuição e colaborou para capacitação de adolescentes para mantê-los ocupados e longe das ruas. Segundo Dona Maria:

Ainda no Horto, após chegada das freiras Annette e Ana Teresa, houve mudanças, organizaram a matéria prima, estocando para o ano inteiro, e doaram máquinas de costura que ficava à disposição dos artesãos, que tinham que organizar horário para utilização. Começou a capacitar pessoas para o artesanato, inclusive adolescentes ociosos da comunidade, filhos de artesãos, que estudava em um horário ou, até mesmo, não frequentavam a escola, e com idade de 13 a 16 anos, ainda quem possuísse estima pela arte, cada artesão ficava responsável por três adolescentes, disponibilizava uma tarde ou manhã para ensinar a confeccionar cartões, que eram vendidos pelas freiras.

Ao passo que as artesãs confeccionavam peças, o Padre Murilo da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores usava o carro da igreja para vender os objetos produzidos em Olinda, Estado de Pernambuco ou nas cidades vizinhas a Juazeiro do Norte/CE. Esta iniciativa do padre contribuiu para despertar o interesse de outros artesãos, os quais passaram a viajar por conta própria, ou com incentivo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Ceará (SEBRAE/CE) e Central de Artesanato do Ceará (Ceart) da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STD/Governo do Ceará), para participarem de feiras em outros Estados. Dona Maria tornou-se membro da Associação dos Artesãos do Nordeste em Olinda/PE e, através da associação, viajou para Recife, Pesqueira, Caruaru (cidades do Estado de Pernambuco), São Paulo e outras cidades do país, apresentando o trançado feito em palha de milho por artesãs de Juazeiro do Norte. A artesã salienta que estas foram transformações positivas para o artesanato e para os artesãos, os quais conseguiram obter um maior nível de organização coletiva, tendo, assim, ganhos na aquisição da matéria-prima, na etapa de produção e na comercialização, uma vez que passaram a ter encomendas regulares de clientes fixos, além de se tornarem independentes dos atravessadores.

Este crescimento das oportunidades de capacitação, divulgação e comercialização vai ao encontro do apontado na introdução deste artigo acerca do crescimento das políticas e

programas de incentivo ao artesanato para o desenvolvimento socioeconômico. No estado do Ceará, as políticas e programas de incentivo ao artesanato como atividade econômica relevante vêm sendo promovidas historicamente pelo SEBRAE e pela Ceart (FILGUEIRAS; ARAÚJO, 2015). Em relação à importância da Ceart, Bent e Silva (2016) atestam que a certificação pela Ceart contribui firmemente – ao longo dos anos – para gerar múltiplos benefícios para os artesãos.

Trata-se, em sua essência, de uma estratégia de posicionamento de mercado alicerçada no aprimoramento da produção, na divulgação e na comercialização, buscando, de modo objetivo, o desenvolvimento local sustentável. A aproximação dos artesãos com a Ceart “gerou resultados consideráveis, tanto para os artesãos locais quanto para associações de artesanato e órgãos governamentais, se caracterizando como uma bem-sucedida estratégia para o desenvolvimento local sustentável” (BENTO; SILVA, 2016, p. 277).

Quanto às mudanças referentes à matéria-prima, ressaltamos que a artesã matriarca iniciou seus trabalhos com a palha da carnaúba, passando posteriormente para a palha do milho, com a qual ensinou seus filhos a trabalhar. Atualmente, a matéria prima da sua produção artesanal ainda é a palha de milho, mas a localidade, custos e responsabilidades de aquisição se alteraram. Há aproximadamente três décadas, os artesãos coletavam a palha de milho na própria cidade e não tinham custos na aquisição, pois faziam acordo com proprietários de plantações de milho, segundo o qual lhes entregavam o milho debulhado em troca da palha (GRANGEIRO, 2015). A palha recolhida era estocada na associação para ser utilizada na confecção do artesanato no decorrer do ano.

Com o passar do tempo, essa matéria prima foi se tornando mais escassa em Juazeiro do Norte, por causa da urbanização do município e também devido à substituição do trabalho humano por equipamento específico usado na retirada da palha do milho. A forma como se dá a retirada da palha através de maquinário inutiliza-a para a atividade artesanal. Pela escassez da palha na cidade, passaram a procurá-la em cidades vizinhas. Assim, pagam pela coleta e pelo transporte, o que elevou os preços dos artefatos por gerar custos extras. Acerca disso, Mateus confessou: “Tá ruim de encontrar a matéria-prima nas cidades vizinhas, às vezes, tem que comprar o saco por 10 ou 20 reais, muitas vezes a palha não é boa”.

Mais recentemente, a necessidade de inovação nos produtos também imprimiu mudanças no modo de fazer artesanal. A produção de baús e luminárias, por exemplo, exige que outras matérias-primas sejam adicionadas à palha, a exemplo da madeira, tecido, ferro e tintas. Tais mudanças requerem habilidades específicas dos artesãos, por exemplo, o conhecimento técnico em eletricidade para a produção de um abajur. Ainda, a forma de produção teve que ser alterada com o objetivo de atender às exigências de mercado, como agilizar o processo produtivo para assegurar brevidade nas entregas das peças.

A fim de dar maior velocidade à produção, começou a existir, para alguns objetos específicos, divisão horizontal do trabalho. Desta forma, as peças que eram feitas por um único artesão, passaram a ser iniciadas por um e finalizadas por outro. Esta mudança não foi encarada com bons olhos por Dona Maria. Ela admite que ampliou a produção, porém, desmotivou os artesãos mais antigos da associação. Ela disse: “Quero ver o produto que comecei terminado

por mim, mas, mesmo assim, aprendo técnicas novas, porque tava me sentido ultrapassada”.

Já Carla tem outra percepção de como a tecnologia vem afetando o ofício artesanal. Em relação a isto, ela observou que:

Tudo é aprendido, sofrimento e dificuldade vêm para ensinar alguma coisa, amadurecer e fazer a gente melhorar como ser humano, devido o interesse, o pessoal cresceu muito, mudou. Hoje eu percebo um comodismo das pessoas por causa da tecnologia.

No tocante à comercialização, a inserção da tecnologia favoreceu a divulgação dos artefatos a partir da utilização de mídias sociais como Facebook, WhatsApp, blogs e outros. Nestes casos, verifica-se no artesanato o mesmo que foi identificado por Hilbert (2001), nas demais atividades de qualquer setor econômico, onde o domínio e uso da tecnologia da informação e comunicação assumem a centralidade e o foco do negócio. Segundo este autor, os níveis de desenvolvimento dos negócios “serão determinados pela capacidade de administrar e tirar proveito das tecnologias que sustentam o processo de informação e a geração de conhecimento” (HILBERT, 2001, p. 7).

As redes sociais cumprem a função de manter informados os artesãos sobre as inovações na área do artesanato. Em outros termos, para o segmento artesanal, as redes sociais permitem o engajamento e divulgação mais rápidos e amplos, com um investimento de baixo custo. Ratificando esta visão, Pinheiro, Larssen e Steinhaus (2015) relatam que, neste setor – mais que o usual –, a internet vem ajudando a encurtar distâncias, facilitar a comercialização e promover as marcas e produtos.

Ainda, Carla destacou o paradoxo na relação entre tecnologia e artesanato. Apesar da velocidade e quase instantaneidade inerente à tecnologia, o produto artesanal ainda resguarda seu tempo necessário para estar concluído. Em defesa do artesanato, Carla afirmou: “[...] na realidade, não é bem assim, o artesanato, por mais que tudo evolua, ele não tem culpa de não ser ágil, não é só dar um toque e acontece”.

Ao longo da trajetória profissional dos artesãos examinados, ocorreram mudanças na maneira de adquirir a matéria-prima e na organização do trabalho. Assim, uma atividade que historicamente é situada como protótipo de trabalho não alienado começa a aderir a princípios de divisão horizontal do trabalho. A busca por ampliação da velocidade nos processos e especialização de tarefas no artesanato apontam para a dominação do gerencialismo nesta forma de produção, resultando, conseqüentemente, na perda dos aspectos tradicionais e culturais desse processo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014). Finalmente, a utilização de novas tecnologias para fins de divulgação e comercialização dos objetos artesanais caracteriza-se como transformação que desponta como forte impulsionador da visibilidade do artesanato.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa dedicou-se a analisar a centralidade do artesanato na trajetória de carreira dos indivíduos das duas gerações da família de artesãos. Desta forma, apontaremos informações sobre a trajetória de carreira dos três artesãos

que dão subsídios para compreendermos o papel que o artesanato ocupa na vida destes profissionais. A matriarca da família nasceu em uma família de artesãos, mas a atividade ganhou outro significado quando ela se tornou adulta e passou a ver no artesanato uma fonte de trabalho e renda para sustentar a filha. Desde então, Dona Maria nunca parou de fazer o trabalho artesanal. Sustentou os filhos e a casa sozinha (depois do divórcio) a partir da renda adquirida com o artesanato, o qual possui um papel central na vida da artesã.

Há 35 anos, Dona Maria está atuando com o artesanato. Destes, 32 anos são de participação na associação. Ensinou o ofício para seus dois filhos, sobrinhos e todos aqueles que tiveram interesse em aprendê-lo. Isto corrobora a ideia de Duarte *et al.* (2010) de que os objetos artesanais são muitas vezes produtos de repasse geracional de técnicas e de saberes e, por consequência, refletem tradições regionais de sua cultura.

Dona Maria sempre teve o artesanato como principal atividade produtiva. Com mais de três décadas dedicadas ao artesanato em palha, sua história de vida confunde-se com sua trajetória profissional e com a própria história da associação, da qual é membro fundadora. Contudo, a artesã raramente se dedicou a atividades gerenciais da associação. Sua carreira foi majoritariamente dedicada à produção e à transmissão do ofício artesanal. Desta forma, a trajetória profissional da artesã apontou características do modelo de carreira de ofício, tal como evidencia Bendassolli (2009), a saber: organização dos tempos de trabalho em função do volume de demandas; autonomia na elaboração das suas peças e um forte laço afetivo com a atividade artesanal.

Por outro lado, os filhos da artesã resolveram se dedicar a outras atividades além do artesanato. Mateus concluiu o Ensino Médio e, apesar de ter participado dos cursos de capacitação oferecidos pelo SEBRAE e Ceart na área de artesanato, optou por seguir a vida profissional na área de mecânica de motos. Já Carla é bacharel em Administração e, durante a graduação, foi estagiária em organizações públicas, privadas e não governamentais. Ela concluiu pós-graduação *lato sensu* em Políticas Públicas e iniciou curso de graduação em Pedagogia, sem ter conseguido concluí-lo. Ainda assim, atuou na área de educação infantil como professora.

Estas idas e vindas tornaram-se mais comuns fora do modelo tradicional de carreira. Dentro da lógica dos modelos modernos de carreira, no decorrer do tempo, o indivíduo pode perceber competências e descobrir outros interesses e oportunidades, com isso, tomar outro rumo para sua carreira (CHANLAT, 1995).

Apesar de atuações profissionais fora do artesanato, Carla e Mateus realizavam o trabalho artesanal como atividade secundária nos finais de semana e/ou quando necessário em função do volume das encomendas. Neste período, as carreiras de ambos pareciam se aproximar do modelo portfólio exibido em Bendassolli (2009), no qual o profissional possui flexibilidade suficiente para atuar em diferentes frentes de trabalho em períodos parciais.

Porém, recentemente, os dois interromperam as atividades que executavam fora do artesanato e exercem o ofício artesanal como atividade principal. Mateus, após um acidente, ficou impossibilitado de continuar a trabalhar de mecânico, retornou para a associação,

está à frente da comercialização e confecciona produtos quando há maior demanda. Carla também voltou por causa da sua mãe, no intuito de ajudá-la, por saber da importância da associação para ela. Hoje é a administradora da associação e produz peças quando há tempo disponível. Ainda tentou conciliar as atividades de professora com as da associação, mas acabou desistindo da atuação na educação infantil. Segundo Carla:

O destino me puxou de volta, porque sempre estudei, pensava em trabalhar na área administrativa. O que me chateia muito é, porque dedico muito tempo aqui e não tem rendimento financeiro nenhum e, às vezes, tenho que colocar do meu para vê, para poder reformar o grupo que está desequilibrado no momento.

Evans (1996) declara que este tipo de carreira assume uma aparência em espiral, na qual o sujeito, na sua trajetória profissional, se apresenta em forma de zigue-zague. Os filhos da artesão, por exemplo, desempenham várias carreiras ao mesmo tempo, substituindo o modelo de escada, no qual o indivíduo tinha a necessidade de subir cada degrau para atingir o seu máximo.

Carla, que também já é mãe, julga importante passar o conhecimento sobre o “fazer artesanal” para novas gerações, pois acredita que possuir esse conhecimento é importante, apesar das dificuldades encontradas na realização da atividade artesanal, a exemplo da falta de valorização deste ofício e do produto artesanal, do pequeno retorno financeiro e da falta de engajamento dos artesãos associados. Diante disso, declarou Carla: “Eu quero que minha filha tenha esse contato, esse conhecimento, mas para atuar na área, não sei. Deus é quem sabe o destino dela. Mas acho que não, porque é muito difícil e deveria ser mais valorizada. por mais que se tente, é muito complicado”.

De modo semelhante à irmã, Mateus afirma que “É uma profissão que pretendo passar para próxima geração. Acho importante saber, mas, se não quiser seguir, tudo bem”. Ainda avaliando a importância do artesanato na trajetória profissional, Carla e Mateus assumem que teriam seguido por outras profissões, uma vez que ela já trabalhou em setores administrativos e na área de educação infantil, enquanto seu irmão afirmou preferir a profissão de mecânico. Porém, diante da necessidade vivenciada pela mãe, retomaram o trabalho artesanal como atividade principal de suas carreiras, a fim de dar continuidade às mesmas; na tentativa de manter a tradição do trançado em palha de milho; em respeito à história da associação; e em reverência ao envolvimento afetivo da mãe com o ofício. Relacionado a isso, Carla expressou:

A casa tem uma história de 32 anos, praticamente minha idade, e tem muitas histórias para contar. Seria uma grande falta de respeito da minha parte desprezar ou virar as costas, pensando só no financeiro, então penso na questão cultural e valorização, porque acredito nisso aqui.. e ... para dar continuidade e ajudar minha mãe, como ela é uma das fundadoras, ela também acredita muito, aqui.

Então, apesar do artesanato ter ocupado papel secundário por um período de suas vidas produtivas, quando chamados à responsabilidade, no momento em que a associação precisa

da força de trabalho deles e o pedido de ajuda da mãe reclama por eles, os filhos da artesã reposicionam o artesanato em suas vidas e o ofício artesanal ganha centralidade na vida e na carreira destes profissionais.

O apelo materno surge como elemento relevante na escolha do ofício artesanal. Assim, após o evento crítico, revelado anteriormente, este ofício passou a ocupar papel central na trajetória profissional dos artesãos mais jovens. Ao contrário do que ocorreu no período de iniciação no ofício, neste momento (no momento atual, quando foram feitas as entrevistas), a carreira de artesão foi conscientemente escolhida como trajetória principal de carreira. Lembrando que outras alternativas profissionais foram declinadas para que o artesanato fosse assumido plenamente (INKSON *et al.*, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas dos atores sociais desta pesquisa (núcleo familiar de artesãos) evidenciaram diferenças na maneira como eles foram iniciados na ocupação; como encaram as mudanças ocorridas no modo de produção artesanal ao longo de décadas de dedicação ao ofício; e também diferenças relativas à centralidade do artesanato na trajetória profissional até então trilhadas por cada um destes artesãos.

Verificamos que, enquanto a matriarca aprendeu o ofício somente na vida adulta, filha e filho já nasceram em contato com o trançado em palha. O filho aprendeu formalmente aos doze anos. Ele foi iniciado no artesanato pela mãe, a qual o levava para a associação para que ele não passasse o tempo ocioso na rua. Já a filha não precisou a idade em que aprendeu o ofício, mas se recorda que, desde muito criança, repetia na palha os movimentos feitos pela mãe.

Outrossim, mãe e filhos não encaram do mesmo modo as mudanças na produção artesanal, principalmente quando se referem a transformações que implicam na divisão horizontal do trabalho. Deste modo, a matriarca não aceita que outro artesão termine o trabalho iniciado por ela. Ela afirmou que não se permite renunciar à satisfação que a toma quando está envolvida diretamente na conclusão de um objeto cuja confecção ela mesma iniciou. De outra parte, os filhos consideram a divisão horizontal do trabalho como um fato natural e, até mesmo, necessário para o desenvolvimento do artesanato. Os filhos demonstraram-se mais complacentes, também, com mudanças geradas pela inserção de novas tecnologias informacionais, sobretudo referente à facilidade que elas promovem na comercialização e ampliação da visibilidade dos objetos via redes sociais.

Ademais, constatamos que as trajetórias de carreira dos três artesãos também se distinguem. Para Dona Maria, o artesanato consagrou-se como única carreira durante todo seu percurso profissional. Por seu turno, se os filhos nunca abandonaram plenamente o ofício artesanal, apenas o exerciam como atividade profissional secundária. A matriarca insere-se na atividade artesanal na fase adulta, de modo tardio, sobretudo se comparamos ao processo de entrada dos filhos, o qual se deu ainda na infância. Porém, para ela, essa foi a única profissão exercida. Sua carreira foi dedicada exclusivamente ao artesanato, em seus processos técnicos, criativos

e gerenciais (relacionados aos processos organizativos da associação). Dona Maria apresenta uma trajetória de carreira estável e linear, aproximando-se dos modelos mais tradicionais de carreira, uma vez que permanece ligada à mesma profissão e organização desde as fases iniciais do seu percurso profissional.

Por sua vez, os filhos da artesã apresentaram percurso diferente. Buscaram capacitações e formação de nível superior em áreas, a princípio, desvinculadas do fazer artesanal. Exerceram várias atividades profissionais fora do artesanato, mas nunca abandonaram completamente o ofício de artesão. A trajetória profissional dos filhos não se encontra entrincheirada pelo artesanato. Seus desejos e aspirações pessoais os impulsionaram a ampliar o leque de expertises. Assim, estes artesãos aproximam suas trajetórias de carreira aos modelos emergentes, apresentando percursos mais flexíveis e diversificados tanto em relação à possibilidade de inúmeros vínculos com organizações quanto à oportunidade de exercer atividades diferentes concomitantemente ou em momentos distintos.

Somente após a súbita saída do presidente da associação, juntamente com a redução do número de artesãos associados, é que se efetiva a dedicação exclusiva, de ambos os filhos, à atividade artesanal. Portanto, parece que tal evento crítico influenciou o redimensionamento da importância da atividade artesanal na vida e carreira destes dois indivíduos, passando de uma carreira tipo portfólio para focar no desenvolvimento da carreira criativa.

Em síntese, registramos que a voz dos atores sociais revelou diferenças no percurso profissional trilhado por estes artesãos, bem como da centralidade que a atividade criativa assume em diferentes momentos de suas trajetórias profissionais. Assim, acreditamos que este artigo é uma contribuição para os estudos sobre carreira por analisar um grupo profissional com peculiaridades em relação à formação profissional, à natureza do trabalho realizado e às relações de trabalho que são construídas. Tais singularidades diferenciam-nos das classes profissionais comumente abordadas nas pesquisas da área.

No entanto, durante a realização desta pesquisa e redação deste documento científico, verificamos que é necessário avançar, em outro momento, na exploração mais profunda dos aspectos históricos da atividade artesanal em palha em Juazeiro do Norte/CE e municípios vizinhos que compreendem a região do Cariri cearense. E assim, o resgate da história do trançado em palha na região já pode ser considerado um ponto da agenda para pesquisas futuras.

Estas pesquisas podem ampliar o conhecimento sobre a realidade abordada neste artigo, bem como relacioná-la com os estudos que destacam como o artesanato no Brasil tem sido visto como um sistema produtivo socioeconômico que representa instrumento estratégico de desenvolvimento (FILGUEIRAS; ARAÚJO, 2015); que revelam como os ofícios e o antigo saber-fazer artesanal vêm sendo mais valorizados nas últimas décadas, para se buscar um desenvolvimento pleno e sustentável em territórios (CARVALHO, 2003); e que apontam o papel das mulheres e sua contribuição para o desenvolvimento de territórios, por meio do trabalho com o artesanato (SANTOS *et al.*, 2016).

## NOTA

1 Submetido à RIGS em: out. 2018. Aceito para publicação em: jun. 2019.

## REFERÊNCIAS

ALEGRE, S. P. Vaqueiros, agricultores, artesãos: origens do trabalho livre no Ceará colonial. **Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 1/2, p. 1-29, jan./dez. 1989. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9686/1/1990\\_art\\_mspalegre.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9686/1/1990_art_mspalegre.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2017.

ALVES, V. G.; JUSTO, J. L.; SILVA, M. R.; SILVA, M. S.; LOPES, E. R. N.; NUNES, R. S. O projeto Mulheres da Palha: o efeito da incubação e a importância das relações em grupo. In: CUNHA, E. V.; TAVARES, A. O (Org.). **Incubação em economia solidária. Reflexões sobre suas práticas e metodologias**. Fortaleza: Impreco, 2013. p. 103-118.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387- 400, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n4/v49n4a03.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do Trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 51, n. 2, p.143-159, mar./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v51n2/v51n2a03.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2018.

BENTO, K. D.; SILVA, I. F. O. Selo de autenticidade do artesanato do estado do Ceará: a fusão entre uma ferramenta de marketing e uma estratégia de desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 12, n. especial, p. 260-283, dez. 2016. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN\\_WPG\\_227\\_326\\_29591.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_WPG_227_326_29591.pdf)>. Acesso em: 09 out. 2017.

CARVALHO, P. Patrimônio e (re)descoberta dos territórios rurais. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 23, n. 2, p. 173-196, jul./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4179/3673>>. Acesso em: 15 set. 2017.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras para qual sociedade? (I). **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, nov./dez. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a08v35n6.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2017.

DUARTE, M. F.; FERRAZ, S. F. S.; MASCENA, K. M. C.; OLIVEIRA, R. Desenvolvimento de Carreira na Indústria Criativa Cearense: Histórias de Vida de Mestres da Cultura do Artesanato. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2010. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eso2755.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

DUARTE, M. F.; SILVA, A. L. A Experimentação do Risco na Carreira Criativa: o caso de

mestres da cultura do artesanato cearense. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 2, p. 22-38, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1517/709>>. Acesso em: 03 maio 2017.

DUTRA, J. S. A gestão de carreira. In: Fleury, Maria Tereza Leme (Org.). **As pessoas na organização**. São Paulo: Editora Gente, 2002. p. 99-114.

DUTRA, J. S.; VELOSO, E. F. R.; FISCHER, A. L.; NAKATA, A. S. Carreira inteligente e sua percepção pelo clima organizacional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 55-70, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.fischerconsultoria.com.br/images/artigos/artigo2.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2018.

EVANS, P. Carreira, sucesso e qualidade de vida. **Revista de Administração de Empresa**, v. 36, n. 3, p. 14-22, jul./set. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v36n3/a03v36n3>>. Acesso em: 05 maio 2018.

FILGUEIRAS, A. P. A.; ARAÚJO, M. S. A produção do artesanato na qualidade de vida do artesão Cearense: estudo de caso. In: COLÓQUIO DE MODA, 11, Curitiba, Paraná, Brasil. **Anais...** Curitiba/PR, 2015. Disponível em: <[http://www.coloquiomodacom.br/anais\\_ant/anais/11-Coloquio-de-Moda\\_2015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-3-A-PRODUCAO-DO-ARTESANATO-NA-QUALIDADE-DE-VIDA.pdf](http://www.coloquiomodacom.br/anais_ant/anais/11-Coloquio-de-Moda_2015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-3-A-PRODUCAO-DO-ARTESANATO-NA-QUALIDADE-DE-VIDA.pdf)>. Acesso em: 16 set .2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. Nova Iorque: Basic Books, 2002.

GHELFI, D. Understanding the engine of creativity in a creative economy: an interview with John Howkins. **World Intellectual Property Organization (WIPO) Program Activities**. 2005. Disponível em: <[http://www.wipo.int/sme/en/documents/cr\\_interview\\_howkins.html](http://www.wipo.int/sme/en/documents/cr_interview_howkins.html)>. Acesso em: 04 maio 2018.

GRANGEIRO, R. R. **Trabalho do artesão do cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2015, p.166. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18989/1/Tese%20de%20Rebeca%20da%20Rocha%20Grangeiro.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. Organização do trabalho artesanal: examinando aspectos de inovação e visibilidade do artesanato no Cariri cearense. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 33-48, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6274/4492>>. Acesso em: 18 set. 2017.

HILBERT, M. R. **Latin America on its path into the digital age: where are we?** Nova Iorque: United Nations Publications, 2001.

INKSON, K.; GUNZ, H.; GANESH, S.; ROPER, J. Boundaryless careers: bringing back

boundaries. **Organization Studies**, v. 33, n. 3, p. 323-340, fev. 2012. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0170840611435600>>. Acesso em: 05 maio 2018.

KHAPOVA, S. N.; ARTHUR, M. B. Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 3-17, jan. 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0018726710384294>>. Acesso em: 05 maio 2018.

LAWRENCE, B. S. Careers, social context and interdisciplinary thinking. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 59-84, jan. 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0018726710384293>>. Acesso em: 05 maio 2018.

MANHRIN, K. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, v. 62, n. 2, p. 193-242, abr./jun. 1993. Disponível em: <[http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS\\_062\\_12.pdf](http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_062_12.pdf)>. Acesso em: 09 out. 2017.

MARQUESAN, F. F. S.; FIGUEIREDO, M. D. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 76-97, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ram/v15n6/1518-6776-ram-15-06-0076.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

MELO, R. A. Artes de Juazeiro: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mestre Noza. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL, 10, Recife, Pernambuco, Brasil. **Anais...** Recife/PE, 2010. Disponível em: <[http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268444139\\_ARQUIVO\\_EncontrodeHistoriaOral2010RosileneMelo.pdf](http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268444139_ARQUIVO_EncontrodeHistoriaOral2010RosileneMelo.pdf)>. Acesso em: 09 out. 2017.

MELLO, C. I. de. O artesanato rural na dinâmica do desenvolvimento territorial – entre a preservação e a comercialização. **Revista IDEAS**, v. 9, n. 1, p. 103-141, jan./jun. 2015.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

PARRY, E.; URWIN, P. Generational differences in work values: A review of theory and evidence. **International Journal of Management Reviews**, v. 13, n.1, p. 79-96, jan./mar. 2011.

PINHEIRO, C. M. P.; LARSEN, M. L.; STEINHAUS, C. Ferramentas de comunicação digital no setor de artesanato: um estudo de caso na empresa Lugastal de Porto Alegre/RS. **Temática**, v. 11, n. 1, p. 184-206, jan. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/22689/12554>>. Acesso em: 09 out. 2017.

RABELO, S. **Os Artesãos do Padre Cícero: condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Fortaleza, Fortaleza/CE, 2007.

SANTOS, N. S.; IWAMOTO, H. M.; CANÇADO, A. C.; BARBOSA, G. F.; RODRIGUES, W. Mulheres e Desenvolvimento: o papel das mulheres no desenvolvimento do Território da Cidadania do Jalapão - TO. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 2, p. 130-147, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/8024/5007>>. Acesso em: 09 out. 2017.

SAPIEZINSKAS, A. Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 38, p. 133-158, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/06.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SENNET, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILIPRANDI, E. CINTRÃO, R. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 18, n. 2, p. 12-32, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/63698/1/nepa-cap2.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2017.

SOUSA, R. A. V. **Os artesãos e a economia do cariri: O caso da Associação Mãe das Dores de Juazeiro do Norte - CE.** Monografia (Graduação) – Universidade Regional do Cariri, Crato/CE, Brasil, 2010.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2008.** Disponível em: <[http://unctad.org/fr/docs/ditc20082cer\\_en.pdf](http://unctad.org/fr/docs/ditc20082cer_en.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2018.

WRZESNIEWSKI, A; DUTTON, J. E. Crafting a job: revisioning employees as active crafters of their work. **Academy of Management Review**, v. 26, n. 2, p. 179-201, abr. 2001. Disponível em: <<http://webuser.bus.umich.edu/janedut/POS/craftingajob.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2018.

**Rebeca  
da Rocha  
Grangeiro**

Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestrado e Doutorado em Psicologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Estágio doutoral na Université Paris-Descartes (Paris V). Laureada do “Scholarship Programme for Young Professors and Researchers from Latin American Universities - Coimbra Group Universities” com pesquisa na Universidade de Poitiers (França). Professora efetiva do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA). Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA). As principais temáticas de atuação profissional e acadêmica são no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho (Gênero e Carreira) e da Economia Criativa (Artesanato).

**Jeová Torres  
Silva Júnior**

Graduado em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrado e Doutorado em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Estágio doutoral no Conservatoire National des Arts et Métiers (Cnam) - Paris, França. Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA), do Mestrado Multidisciplinar em Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/UECE). Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS/UFBA) e do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA). As principais temáticas de atuação profissional e acadêmica são Economia do Compartilhamento, Economia Solidária e Gestão Social.